Education Review
Reseñas Educativas Resenhas Educativas

4 de novembro de 2026 ISSN 1094-5296

LOPES, Alice Casimiro. **Por um currículo sem fundamentos.** São Paulo: Cortez Editora, 2025.

Pp. 157 páginas ISBN: 978-65-5555616-2

Resenhado por Marinazia Cordeiro Pinto
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ)
Brazil



Este texto tem a tarefa de apresentar o livro premiado no Jabuti Acadêmico/2026, organizado pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria Educação e Ensino. No entanto, em acordo com o que a própria obra nos traz ao discorrer sobre a noção derridiana *tradução* (Derrida, 2000), afirmo a impossibilidade da ação de apresentar. Uma das epígrafes desse livro é um dizer do filósofo Jacques Derrida (1998) que nos alerta no sentido de que "escrever coisas imediatamente traduzíveis é não escrever e não convocar a tradução". Sendo assim, submeto-me à singularidade de cada leitura e trago um pouco do muito que esse livro contribui para nossos estudos e reflexões sobre política e sobre políticas curriculares.

A autora abre sua escrita com uma apresentação introdutória da teoria e as suas próprias motivações para a publicação desse livro. É pelo entendimento de que "não há um registro de verdade [...] ainda que existam relações de verdade" (p. 11); é porque "não existe uma estrutura que sustente posições fixas no social [...] não há métodos definitivos nem consensos teóricos" que "torna-se ainda mais crucial justificar as escolhas teóricas e estratégias realizadas, publicizá-las, favorecendo o debate mais amplo" (p. 12).

As reflexões sobre Políticas Curriculares que perpassam as pesquisas e textos de **Alice Lopes** são reverberadas nesse livro. O título já traz um indicativo da perspectiva teórica que a autora subscreve. As pesquisas de Alice Lopes operam dentro das perspectivas pós-fundacional e pós-estruturalista. Em muitos sentidos, pensar educação a partir dessas perspectivas pode ser

Cordeiro Pinto, M. (2026, 4 de novembro). Resenha do livro *Por um currículo sem fundamentos* por A. C. Lopes. *Resenhas Educativas*, *33*.
https://doi.org/10.14507/er.v33.5148

considerado um movimento revolucionário. Isso porque são estudos que afirmam a não existência de fundamentos e verdades últimas sobre as questões da educação. Apesar dessa ausência e talvez por ela, o tom da escrita está muito longe de condizer com um tom de entreguismo ou de desistência. Decisões precisam ser e são tomadas nas políticas educacionais.

O movimento de decisão, na perspectiva dessa obra, se dá no espaço do indecidível. Caminhando nas páginas desse livro, deparamo-nos com a ideia de que o indecidível pode ser significado como o imprevisível deslocamento da fronteira entre a contingência e o poder de fixar hegemonias. Segundo Alice, nem podemos afirmar a objetividade pura nem a contingência absoluta. Se não existem fundamentos que validem a certeza das nossas decisões, nós as tomamos nas contingências e sob os efeitos das relações de poder, sem qualquer garantia. Decisões cujas decorrências não podem ser programadas. Decisões que acontecem em um contínuo movimento de negociações e ajustes, cuja contemplação de todas as situações estará sempre em um porvir.

O argumento central da autora, em diálogo com Chantal Mouffe (2015), é o de que o fim das tensões e dos embates corresponderia ao fim da política. A autora opera, então, com a ideia de que os antagonismos são a condição para que a política aconteça em forma de contínuas negociações que, sob os efeitos das relações de poder e das contingências, têm vez em todas as instâncias da política. No decorrer da leitura, a importância das relações antagônicas ganha cada vez maior dimensão. É pelo antagonismo que, de forma provisória, as identidades são significadas. Quando algo se antagoniza com uma *identidade*, ao mesmo tempo, afirma a existência dessa mesma identidade.

A autora segue trazendo um diálogo profundo entre a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015) e a Desconstrução de Derrida (1973). É a partir desse diálogo que Alice afirma que as políticas curriculares e o próprio currículo não contêm os caminhos da educação. É pensando a realidade como não passível de ser apreendida pela linguagem, porque, pelos movimentos da tradução e da *différance* (Derrida, 1991), os sentidos não são fixos, que os currículos não correspondem à implementação das políticas. A autora se refere ao currículo como algo que acontece na própria disputa de sentidos do conhecimento, da formação e do sujeito.

Afirmar a política como um jogo de constantes negociações em que não se pode calcular o futuro, e em que o consenso não é um objetivo passível de ser alcançado, tem implicações importantes nas políticas curriculares. Esses estudos confrontam uma visão teleológica de educação, em que se acredita que a educação seja capaz de forjar subjetividades que estejam em conformidade com o que se divulga como demandas contemporâneas legíveis e inquestionáveis.

Ao pensar a representatividade e a democracia nas políticas de currículo, Alice opera com a ideia de que a construção dessas políticas não se dá nesse ou naquele lugar, nas instâncias governamentais ou nas escolas ou em qualquer outro ambiente único. Trata-se de um entendimento de democracia como um movimento de ampliação dos espaços de decisão, de poder e de tradução.

É nessa perspectiva que a autora introduz um sentido de norma como representação da normatividade, em que as regras e o "como" das ações na educação estão sempre presos às contingências. Alice argumenta, via Teoria do discurso, a favor da produtividade do que se entende por *déficit normativo*. Trata-se de um *vazio* que se constitui pela impossibilidade de plenitude e de fundamentos; frente ao qual a autora nos traz a ideia de investimento radical em que os sentidos nas políticas não são plenos e as negociações pela busca do preenchimento dessa ausência são contínuas.

Em um artigo homônimo (Lopes, 2015), a autora, ao se posicionar contra uma Base Nacional Comum Curricular, já argumentava pela existência de conflitos e antagonismos no social no que diz respeito aos sentidos de qualidade, currículo e conhecimento. Em diálogo com Michael Young, importante curriculista influente nas políticas de currículo no Brasil, e seus colaboradores, que articulam suas pesquisas em torno da existência de um conhecimento universal que teria o potencial de promover a emancipação das pessoas/alunos, Alice destaca a existência contextual de todas as coisas, cuja intermediação, necessária à compreensão, se dá pela via do discurso. Esse não essencialismo dos objetos, dos números e de tudo o mais coloca em xeque o entendimento de que, por meio de amostras de resultados, é possível descrever e avaliar o processo educacional no país.

No que diz respeito às disputas de sentido, em muitos momentos, Alice faz um movimento de metalinguagem, um meta-texto, quando traz um pouco de um dizer sobre sua própria escrita. "Escrever um texto como este é se engajar em uma disputa por certos sentidos e significados em detrimento de outros [...] Podemos estar nessa disputa entendendo que ela mesma é uma disputa entre representações provisórias, precárias, limitadas" (p. 94).

Ainda sobre o processo da escrita, importante destacar que a autora traz para o texto uma postura que não se limita a negar afirmações teóricas com as quais não opera. Alice, por meio de questionamentos e considerações, a cada momento em que publiciza suas pesquisas, diz para o leitor o que pensa ser importante nas teorizações, no propósito de buscar interpretar o que é ocasionado por dada teoria. É nesse movimento que tem vez a desconstrução. Trata-se de uma leitura que tem o potencial de ensinar um modo de teorizar, agindo como quem acredita nas concepções acessadas, para tentar entender como operam e que efeitos desencadeiam. Essa maneira de pensar pode ampliar um posicionamento teórico, por meio da desconstrução de toda e qualquer estabilidade. O movimento da desconstrução diz respeito à aceitação de que tudo que busca se apresentar como fixo e inquestionável, toda estrutura aparentemente fechada apresenta brechas e possibilidades de ser problematizada.

A própria autora escreve suas ponderações a respeito de suas próprias teorizações. Entre outros momentos dessa obra, Alice faz esse movimento quando questiona: será que afirmar a inexistência de estabilidades não se constituiria na afirmação de um fundamento, de uma verdade última e inquestionável? Se os sentidos são relacionais, os contextos seriam então determinantes de uma possível fixação de sentidos? Alice mesma responde que

os contextos também não são fechados, que estão sob as implicações do entendimento de que não existe uma relação unívoca entre significante e significado. Sendo assim, "todo texto é inédito em um dado contexto e simultaneamente produz esse mesmo contexto" (p. 43).

Ao acessarmos essa escrita, somos motivados, frente a tantas aporias com que nos deparamos na educação, - aporias que parecem poder nos enredar em uma interminável sensação de impotência -, a nos posicionar e agir politicamente. O que a autora argumenta, a partir de Derrida, é que, se os sentidos não são fixos, se as verdades são contingentes, é possível, necessário e importante que entremos no jogo das disputas contínuas de sentido. Nessas disputas, Alice reputa importante pensarmos como se constituem os discursos políticos, já que os sentidos não são fixos e as políticas são sempre traduzidas. Alice busca pensar, a partir da noção de hegemonia na Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe, de que maneira a comunicação, a política e a educação acontecem se os sentidos são sempre abertos.

O livro inicia e finaliza destacando o processo incontornável da tradução. Na conclusão, a autora afirma a recorrência de uma visão teleológica de educação que, na busca por resultados, - diferentes em cada perspectiva (perspectiva crítica, perspectiva instrumental, perspectiva construtivista, entre outras e entendendo que as fronteiras não são claras entre elas) -, tem o efeito de tentar interromper o fluxo dos sentidos. São tentativas de conter a tradução, via relações de poder que estabelecem padrões a serem atingidos pelo processo formativo-educacional. Esses padrões que se querem inquestionáveis buscam suspender as negociações, apagando os conflitos e contingências. Por outro lado, retomando o *talvez* e o *como se* derridianos, Alice afirma a impossibilidade de padrões e certezas. *Talvez* e *Como se* são operadores que, de forma espectral, constituem a indecidibilidade, em confronto com a crença no controle e na possibilidade de prever os efeitos de nossas ações. A autora reafirma o acontecimento e as incertezas do jogo político

É importante finalizar esse texto sobre essa obra, destacando a preocupação da autora, em um movimento de borrar as fronteiras entre teoria e prática, de não se afastar dos professores e das práticas escolares, objetivando aproximar a academia das escolas. O tom dialogal em primeira pessoa do texto é um indicativo desse propósito. No entanto, a profundidade teórica pode oferecer alguma dificuldade para que os profissionais da educação não afeitos à perspectiva pós-estrutural acessem as possibilidades de sentidos e contribuições dessa obra.

Por fim, Alice destaca, em cada página desse livro, que operar com o entendimento de um currículo sem fundamento é agir e dialogar politicamente, desestabilizando certezas e receitas de sucesso. Esse é o investimento radical na educação: planejar e agir apesar da - e devido à - ausência de certezas, em diálogo constante com o imponderável. Suas contribuições não permanecem circunscritas ao campo das políticas educacionais. São contribuições importantes para pensar a política em sentido mais amplo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução relevante. Tradução: Olivia Niemeyer Santos. In: **Alfa.** São Paulo, 44 (num. esp.), 13-44, 2000.

DERRIDA, Jacques. Derrida. Fidélité à plus d'un. Mériter d'hériter où la généalogie fait défaut. In**: Rencontre de Rabat avec Jacques Derrida**. Idiomes, Nationalités, Déconstructions. Paris/Casablanca: Cahiers Intersignes/ Éditions Toubkal (Casablanca), 1998.

DERRIDA, Jacques. A diferença. In. **Margens da filosofia**. Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas (SP), Editora Papirus : 1991.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução: Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectivas, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal Mouffe. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LOPES, Alice Casimiro. Por um currículo sem fundamentos**. Linhas críticas** (UnB), v. 21, p. 445-466, 2015. https://doi.org/10.26512/lc.v21i45.4581

Acerca do(a) Autor(a) da Resenha

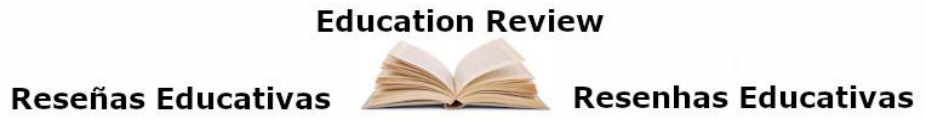


Marinazia Cordeiro Pinto
Professora adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ)
marinazia@gmail.com
https://lattes.cnpq.br/3958926360945432
https://orcid.org/0000-0001-6880-6658

Acerca do(a) Autor(a) do Livro



Alice Casimiro Lopes
Docente Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista PQ 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Cientista do Nosso Estado Faperj e Procientista Faperj/UERJ.
alicecasimirolopes@gmail.com
https://lattes.cnpq.br/5262190522408958
https://orcid.org/0000-0001-9943-9117



Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas é editada por Gene V. Glass e Yanming Ren (em inglês), Gustavo E. Fischman (em espanhol/português) e Stephanie McBride-Schreiner (editora-gerente), contando com o apoio da Mary Lou Fulton College for Teaching and Learning Innovation, da Arizona State University. Os direitos autorais permanecem com o autor principal ou único, que concede à *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* o direito de primeira publicação. Os leitores têm permissão para copiar, exibir, distribuir e adaptar este artigo, desde que a autoria seja atribuída ao(s) autor(es) e à *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* que eventuais alterações sejam indicadas e que a mesma licença seja aplicada à obra derivada. Mais detalhes sobre esta licença Creative Commons estão disponíveis em https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/

A *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* não cobra taxas para leitura nem para publicação.

Nota: Os pontos de vista ou opiniões apresentadas nas resenhas de livros são exclusivamente do (s) autor (es) e não representam necessariamente os da revista.